



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PEDAGOGIA

DEYSE SOUSA SILVA

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA NO AMBIENTE
ESCOLAR

GUARABIRA-PB
2012

DEYSE SOUSA SILVA

**UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA NO AMBIENTE
ESCOLAR**

Artigo realizado pela aluna Deyse Sousa Silva, do curso de Pedagogia, turma 2008.2 como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para fins de exigência para obtenção do título de graduada em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca.

Guarabira-PB
Julho 2012

S586o

Silva, Deyse Souza

Um olhar sobre a violência no ambiente escolar /
Deyse Souza Silva. – Guarabira: UEPB, 2012.

22f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Ivonildes da Silva Fonseca”.

DEYSE SOUSA SILVA

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Aprovada em: 02/07/12

Ivonildes da Silva Fonseca

Profª. Dra. Ivonildes da Silva Fonseca

Orientadora (UEPB)

Wallace Ferreira de Souza

Prof. Ms. Wallace Ferreira de Souza

Examinador (Faculdade Mauricio de Nassau)

Paula Maria Fernandes da Silva

Profª. Ms. Paula Maria Fernandes da Silva

Examinadora (SEE/PB-GOIESC/Núcleo de Educação a distância)

Guarabira – PB

Julho de 2012

UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Silva, Deyse Souza

RESUMO

Este artigo tem o propósito de discutir o quanto o fenômeno violência está se alastrando e aos pouco maltratando e trazendo consequências radicais na vida de inúmeras pessoas, ainda mais quando esse problema se faz presente no ambiente escolar. No momento atual, a violência é um fenômeno que se observa com frequência em todos os domínios da vida social. Esse fenômeno também ocorre na escola, onde professores e alunos vivenciam no seu cotidiano diferentes formas de violência, vai da agressão a um indivíduo até ao ato de brutalidade contra a instituição escolar. É preciso trabalhar uma nova prática pedagógica, em que a escola passe a ser, de fato, um local de aprendizagem, de cultura, de aprovação e da formação da cidadania, entendida como a materialização dos direitos sociais a todos os cidadãos. E que seja de antemão combatida pelo setor afetado que é a educação em conjunto com o apoio de outros agentes em especial a família, primeiro agente educador.

Palavras-chave: Violência, Educação e Combate.

INTRODUÇÃO

A violência é um ato que gradativamente cresce na sociedade contemporânea. São inúmeros casos de violência que pouco a pouco acaba vai deixando graves sequelas entre os indivíduos, inclusive pondo fim à vida de muitos.

No meio educacional, este fato se faz presente agravando ainda mais o desenvolvimento cognitivo e psicomotor das crianças e adolescentes. Essa consequência vai dos casos simples até os mais dolorosos.

A violência se manifesta de diversas maneiras envolvendo todos os participantes do processo educativo. Isso não deveria acontecer, pois o ambiente escolar é um lugar de formação da ética e da moral dos sujeitos ali inseridos, sejam eles alunos, professores ou demais funcionários. Nas escolas, as relações do dia a dia deveriam representar respeito ao próximo, através de atitudes que levassem à amizade, harmonia e integração das pessoas, visando atingir os objetivos propostos no projeto político pedagógico da instituição.

Ao longo deste trabalho a reflexão tratou da definição do fenômeno da violência; como está inserida na escola; seus tipos mais frequentes e maneiras de combate a este mal que dia a dia propaga-se assustando cada vez mais a sociedade, principalmente a comunidade escolar.

Em suma, procurei abordar a temática, com um intuito de conhecer como a escola se organiza na gestão desta problemática que se constitui como atrativo para pesquisadores nos dias de hoje e é tido como um problema social grave.

1 O QUE É VIOLÊNCIA?

A violência é um ato de brutalidade e crueldade em que o indivíduo age por impulso contra outro ser vivo ou contra um objeto. Assim, “violência é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso de força. Quando ocorre um ato de violência, nega-se, assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso de palavras, pelo diálogo e pelo conflito” (SPOSITO, 1998, p. 60).

Vivemos numa sociedade desenvolvida em termos de meios de comunicação (TV, telefones, as redes sociais – Orkut, facebook, MSN, etc.) que possibilitam a troca de palavras, de imagens e de som mesmo quando as pessoas estão em lugares geograficamente distantes em tempo real, todavia a comunicação, o diálogo nem sempre são praticados e assim acabam gerando conflitos de diversas naturezas.

O fenômeno da violência sempre existiu nas sociedades, mas atualmente a divulgação deste ato vem sendo demonstrado por todo o mundo. A imprensa (impresa ou digital) é o canal de grande importância na atualização dos casos de violência; por ela sabemos o quanto a violência está presente no dia a dia de cada um de nós, seja num muro pichado, num monumento ou numa construção que sofreram depredações, nas humilhações que sofremos, nos roubos, espancamentos ou a morte.

Definido como um abuso intencional de poder nas diversas dimensões da vida humana, a violência enraíza-se nas relações de poder entre os seres humanos: ela se infiltra em padrões de interação, em estratégias de resolução de conflitos e em representações sobre si mesmo ou sobre os outros na convivência cotidiana (CANDAUI, 2001).

Os casos de violência presente nos dias atuais das pessoas estão crescendo gradativamente e para isso existem muitas influências. O tráfico de drogas ilegais é o coadjuvante principal para que estes casos cresçam desordenadamente. O tráfico por sua vez já é uma agressão ao ser humano, pois acabam tornando as pessoas suas vítimas (usuários dependentes do uso) aos poucos ou até mesmo com uma velocidade exorbitante.

Outra forma do tráfico “agredir” suas vítimas é a morte. Como o tráfico está com uma prática intensa atingiu um grau excessivo, e dessa forma as mortes tendem a se exceder também.

As formas de violência se multiplicaram, hoje podemos falar que existem outros critérios para que aconteçam atos violentos, trata-se das “guerras surdas” da fome, da exclusão, da pobreza, da intolerância racial, da marginalização e do preconceito. “A “guerra surda” é um fenômeno diluído na sociedade, que penetra os diferentes espaços sociais. Afeta comportamentos pessoais e coletivos, mentes, corpos e corações. Necessita de outros processos de negociação e outras categorias para ser enfrentada” (CANDAUI).

Seguindo nessa linha dos inúmeros fatores que levam um indivíduo a praticar a violência, ganha destaque a desigualdade social. Este fator está bastante ligado a prática da violência e deve ser visto como tal pois: “A situação de carência absoluta de condições básicas de sobrevivência tende a embrutecer os indivíduos, assim, a pobreza seria geradora de personalidades disruptivas” (MARCELOS, s.d.).

O dinheiro é um fenômeno que dissipa nos indivíduos, comportamentos irreversíveis que na maioria das vezes prevalece aquele que possui status, ou seja, uma vida cheia de atributos que lhe tragam oportunidades vantajosas.

A partir desse... de estar numa posição secundária na sociedade e de possuir menos possibilidade de trabalho, estudo e consumo, porque além de serem pobres se sentem maltratados, vistos como diferentes e inferiores. Por essa razão, as percepções que têm sobre os jovens endinheirados são muito violentas e repletas de ódio” (ABRAMOVAY et al, 1999).

1- A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

A violência não escolhe faixa etária, sexo, religião, cor ou lugar, ela simplesmente acontece deixando resultados desagradáveis ao nosso ego. Um dos lugares que para muitos seria um lugar seguro, pacífico e propício para a aprendizagem e o processo educativo, está se tornando inseguro e alvo de gangues, drogas e até da criminalidade, é a escola.

A violência, fenômeno antigo, tradicionalmente visível em algumas instituições, com as mudanças históricas, culturais e científicas ganha visibilidade em lugares inesperados: fala-se hoje apropriadamente também

em violência (s) na escola, cada vez mais no plural que no singular. Essa expressão denominada tanto o próprio fenômeno quanto o construto teórico desenvolvido para estudar tal fenômeno (ANDRADE, 2002, p.27).

A escola vem sendo um palco, atualmente, para se praticar a violência, porém, em tempos remotos já existiam casos de violência nas escolas, a exemplo: os castigos contra os alunos (o uso da palmatória, ficar de pé olhando para o quadro de giz, de costas para a turma recebe um chapéu de papel sendo “chapéu de burro”, ficar ajoelhado sobre grão de milho), eram punições severas para as crianças; outro aspecto violento que já havia nas escolas era a indisciplina só que num grau menos elevado que hoje.

A indisciplina atualmente recebe outros nomes tais como: agressividade, indiferença e desrespeito. A sociedade vem se deparando com um surto enorme de violência nas escolas e “(...) as escolas deixaram de certa forma, de representar um local de amparo, seguro e protegido para os alunos e perderam grande parte dos seus vínculos com a comunidade”. (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p.13)

A violência enquanto comportamento desumano com ocorrências nas escolas é verificada tanto nas escolas privadas quanto nas escolas públicas, todavia, nas escolas públicas o índice é maior por várias razões:

- O local onde a escola está situada;
- A classe social que a comunidade escolar faz parte;
- Organização da instituição escolar;
- A prática pedagógica utilizada pelos professores;
- A insegurança na instituição;
- A precariedade do funcionamento;
- A falta de organização, compreensão e compromisso dos governantes.

A violência na escola é analisada, em geral, por suas causas e manifestações, agrupadas em fatores internos (modelos de gestão, modelos de relacionamento e resolução de conflitos inter e intragrupais, além dos vínculos com a comunidade de origem) e externos à escola (invasão por gangues e tráficos...) (ANDRADE, 2002, p. 28).

Ao falarmos em violência na escola, é importante ressaltar que as ações violentas ocorrem tanto na parte externa quanto na interna.

As ocorrências de violência nas escolas dão-se mais através dos aspectos externos, ou seja, na instituição há normas a serem cumpridas e muito dos alunos as cumpre. Fora da instituição muitos dos alunos fazem o que desejam. Os aspectos externos mais comuns são:

- Acesso a bebidas;
- Insegurança, a não existência de policiamento;
- Gangues e tráficos de drogas no espaço escolar;
- Insegurança no trânsito.

No interior da escola a violência está ligada a vários aspectos como: *a maneira como o alunado é tratado pelos docentes e até pelo gestor da instituição*. “A falta de comunicação entre professores e alunos causa, nos estudantes, muita revolta, independentemente da idade ou da série em que se encontram. É possível que essa atitude afete a autoestima dos estudantes, que não aceitam ser ignorados” (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 39). “O gestor deve demonstrar sua preocupação com os estudantes... Existem muitas reclamações dos alunos em relação aos diretores tais como: *não visitam as salas de aula; não se reúnem com representantes de turma; são ausentes nas rotinas da escola; agem de forma autoritária; dão um tratamento diferenciado aos alunos, tratando-os bem quando acompanhados dos pais*” (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 40).

Os fatores externos têm um impacto maior em relação à violência escolar, porém dentro da escola existem inúmeros casos de violência de diferentes modalidades.

A violência nas escolas pode ser associada a três dimensões, segundo Debarbieux (1999apud ABRAMOVAY, 2002, p.3):

- A grande dificuldade de gestão nas escolas resultando em estruturas deficientes;
- Ao contexto, ou seja, uma violência que se origina de fora para dentro das escolas, que as torna sitiadas e que se manifesta por meio de penetração das gangues, do tráfico de drogas e da visibilidade crescente da exclusão social na comunidade escolar;
- As componentes internas das escolas, específicas de cada estabelecimento. É possível observar escolas seguras em bairros reconhecidamente violentos e vice-versa.

A função do professor e do gestor escolar é promover na escola um ambiente agradável e favorável em termo de respeito ao próximo, deve sempre partir da parte “superior” da escola. Um dos aspectos primordiais para que haja um relacionamento agradável e satisfatório entre gestores, professores e alunos é o diálogo. O diálogo é fundamental em todas as relações, mas no ambiente escola é um meio de incentivo e interesse. “A atenção e o diálogo são ressaltados pelos alunos, criando momentos de descontração nas aulas, facilitando a aproximação entre eles” (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 39).

Os profissionais da escola propiciam no universo escolar, maneiras para que haja condições de ocorrer uma aprendizagem significativa, bem como desenvolver entre alunos, professores, diretores e demais membros da escola, uma interação que favoreça a comunicação na escola.

A situação da violência nas escolas está piorando cada vez mais. Com o modo de proceder das gangues e grupos armados esta ação afeta diretamente na escola, atingindo com especial perversidade as crianças e adolescentes. Este fato está tornando-se um desafio para os educadores, pois o ambiente escolar era antes um lugar “pacífico e estimulante para a aprendizagem e o processo educativo”. “A escola é um lugar de conhecimento, de formação de ser, de educação, como veículo, por excelência, do exercício e aprendizagem, da ética e da comunicação por diálogo e, portanto, antítese da violência” (ABRAMOVAY, 2002, p. 26).

2 TIPOS DE VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Sabemos que a violência está presente em toda parte e não tem um público alvo, atinge a todos, sem distinção de cor, religião e classe social. Sabe-se que existem inúmeros tipos de violência causando pânico, amedrontando e intimidando a população.

A violência no ambiente escolar está dividida em três categorias, que são:

- Violência contra a pessoa;
 - Violência contra a propriedade;
 - Violência contra o patrimônio.
- ✓ Existem vários tipos de violência contra a pessoa física como: *ameaças, bullying, cyberbullyig, brigas, violência sexual.*

3.1 Ameaças

“A primeira modalidade de violência contra a pessoa consiste em ameaças, ou seja, promessas explícitas de provocar danos ou de violar a integridade física ou moral, a liberdade e/ou bens de outrem”. (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 50)

As ameaças são gestos pelos quais se exprime a vontade que se tem de fazer mal a alguém, tirando a paz, integridade, saúde, felicidade e a vida. Muitas vezes são praticadas pelos alunos seja com outro aluno, com algum funcionário da instituição ou até mesmo com o professor ou gestor. Devido o clima de intimidação na escola é frequente que professores/diretores e outros membros do corpo pedagógico expressem sentimentos de insegurança. Entre as ameaças que atingem a comunidade escolar estão aquelas relacionadas a bombas, na maioria falsas, no intuito de transtornar a rotina escolar (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p.51)

Os casos de ameaças pode-se concretizar ou não em violência física, gerando um desconforto no ambiente escolar.

3.2 Bullying

Bullying = ato de desprezar, denegrir, violentar, destruir a estrutura psíquica de outra pessoa sem motivação alguma e de forma repetida. No Jornal Mundo Jovem José Roberto Gomes afirma que: “Bullying significa usar de superioridade física ou status para intimidar ou excluir alguém por meio de atitudes agressivas” (GOMES, 2012, p.4).

Muitas vezes está mascarada na forma de “brincadeira” é visto como normal no relacionamento entre crianças e adolescentes.

Não se tratam de pequenas brincadeiras próprias da infância, mas de casos de violência física e/ ou moral, muitas vezes, de forma velada, praticadas por agressores contra vítimas (CALHAU, 2011, p.6).

O bullying nos dias atuais é um fenômeno mais frequente, mas sempre existiu, mas não era estudado foi somente por volta das décadas de 1970 e 1980 que o assunto começou a ser pesquisado, seu estudo se deu pela necessidade de identificar o aumento alarmante no índice de violência e as mudanças em suas características, intencionalidade, comportamento reprimido dentre outros.

Foi Dan Olweus, professor da universidade de Bergen (Noruega) que iniciou o estudo sobre este fenômeno. O estudo se deu a partir do número alarmante de suicídios que ocorreram com crianças na Noruega na década de 70. Esse estudo constatou que, a cada sete alunos, um estava envolvido em casos de bullying. Essa situação originou uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de bullying nas escolas. (CALHAU, 2011, p.12-13).

Atualmente este fenômeno tem estado cada vez mais presente nas escolas com consequências alarmantes, é uma face da violência castradora da moral e que afeta em primeira mão a psique de quem sofre esta agressão sendo responsável, muitas vezes, pelo déficit de aprendizagem.

Quem são os participantes do Bullying?

- Agressores: geralmente o agressor é um indivíduo que não possui empatia, vive num ambiente familiar desestruturado, sem afetividade agindo sempre por meio da agressividade. Muitas das vezes são pessoas mais fortes fisicamente, impulsivos, irrita-se com facilidade. “É considerado malvado, duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas. Adota condutas antissociais, incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool, além de se sentir atraído pelas más companhias” (CALHAU, 2011, p. 9). Os *bullies*, como são chamados adotam um comportamento de poder e dominação para com os outros a sua volta.
- Vítimas: as vítimas geralmente são eleitas, não precisam fazer nada para ser o alvo dos agressores. Muitas vezes são pessoas tímidas, ansiosas, com dificuldades de defesa, pessoas que gostam de estudar. Além desses aspectos existem outros como, religião, as diferenças de raças, estatura física, peso, cor de cabelo, opção sexual, deficiência, etc. “Está relacionado a aspectos de força, coragem e habilidades desportivas, intelectuais, além de exortação de fazer tarefas para o agressor” (GOMES, 2011, p.4). Outro perfil da vítima é o aluno “novato”, ele chega a um ambiente novo e se sente fragilizados, inferior e diferente dos demais colegas.
- Plateia passiva ou testemunhas silenciosas: é considerado o maior grupo do bullying e é formado muitas vezes por outras vítimas e testemunhas do fato. “A grande maioria não concorda com as agressões, mas prefere ficar em silêncio, pois tem medo que os agressores, em caso de saída em defesa das vítimas “eleja” também para esses ataques” (CALHAU, 2011, p. 10). Geralmente a

plateia não denuncia os casos para outras pessoas, pois correm o risco de virar outra vítima.

Sem espectadores os atos de bullying não tem graça, pois o agressor gosta de mostrar sua força, intimidando- os ao mesmo tempo em que assistem.

As consequências são alarmantes e os mais lesados são as vítimas. Os sintomas mais frequentes são estresse, isolamento do convívio social, abandono de vontade de viver, doenças (gastrite, úlcera, bulimia, alergias, obesidade), nos casos mais graves as vítimas cometem o suicídio ou atacam outras pessoas de forma violenta. Por estes motivos o bullying foi considerado um crime.

Testemunho sobre Bullying Escolar – Daniele Vuoto

Meu nome é Daniele Vuoto, uma gaúcha de 22 anos. Venho aqui contar um pouco de minha vida escolar para vocês.

Desde a pré-escola, quando via alguma coleguinha sendo motivo de risada, eu ia lá e defendia. Não achava certo!

Com o tempo, isso virou contra mim: por virar amiga das vítimas, passei a ser uma. As desculpas utilizadas na época eram coisas banais; eu ser muito branca, muito loira, as notas altas e, mais tarde, minha tendinite virou motivo de piada também. No começo, as agressões vinham mais de outras turmas e não muito da que eu estudava. E essa situação na escola começou a me afetar de verdade com a doença (e alguns anos depois falecimento) do meu avô e o desemprego de praticamente toda família. Naquela época, fiquei muito triste com o que acontecia, e a soma dos problemas da família e humilhações na escola tornaram o clima muito pesado. Então, aos 14 anos, resolvi mudar de escola.

Achava que a mudança seria um recomeço e não sofreria mais. Isso foi um grande engano. Aquela escola foi um pesadelo; lá, eu era vista como assombração, as pessoas me tratavam como se fosse uma verdadeira aberração mesmo. Berravam quando me viam, empurravam, davam muita risada, roubavam coisas e o pior: alguns professores apoiavam as atitudes dos meus colegas.

Troquei de escola no meio daquele ano. E dei sorte! Fui para uma escola pequena, simples,

mas muito boa! Mesmo ficando sempre quieta, lá ninguém mexia comigo – pelo contrário, queriam que eu participasse! Infelizmente aquela escola era só de ensino fundamental.

No ano seguinte, fui para outra escola que estudei.

Lá, fiz como sempre: via quem estava sozinho e fazia amizade. Mais do que nunca, eu era tida como a diferente. Tinha 15 anos, não usava as roupas de marca que as demais colegas vestiam, não ia as festas, passei a ser muito tímida, tirava notas altas. Para eles, aquilo não era considerado muito normal. Mas consegui fazer duas amigas e, no ano seguinte, fiz amizade com mais duas meninas.

Logo, uma delas começou a dizer o quanto as outras falavam mal de mim.

Aquilo foi me incomodando muito, pois já era humilhada todos os dias. Não aguentei e abri o jogo: falei que sabia que falavam mal de mim, mas não disse quem havia me contado. Assim, me acharam mentirosa e se afastaram. Quem se afastou também, para o meu espanto, foi justamente a garota que me contou essa história toda. Ai caiu a ficha: ela queria me tirar do grupo, afinal, comigo elas poderiam ser zoadas também.

Com isso, me deprimi mais ainda. Ia caminhado até a escola e parei de olhar ao atravessar a rua. Pra mim, morrer seria lucro. Estava novamente sozinha numa escola enorme, tentando me refugiar na biblioteca, e até lá sendo perseguida.

Passei a comer menos, a me cortar e ver tudo como uma possível arma para acabar o sofrimento. Nas férias de inverno, me fechei mais ainda, não poderia voltar para escola nenhuma. Via meus pais feito loucos procurando uma escola nova e piorava ainda por isso. Foi ai que pedi para ir a uma psicóloga e ela contou aos meus pais que, naquele estado, eu não teria condições de enfrentar uma nova escola.

Comecei um tratamento com ela e, em seguida, com um psiquiatra. No ano seguinte, conheci o Rafael e com um pouco mais de dois meses de namoro, numa recaída de depressão, a psicóloga disse que possivelmente meu problema era esquizofrenia. O psiquiatra concordou e, com isso, fui internada, recebendo um tratamento totalmente equivocado. A família não

sabia o que se passava e eu também não tinha como contar. Pensávamos que dariam um apoio psicológico, um tratamento para depressão, e foi bem o contrário. Era uma prisão. Nos dois primeiros dias, não ganhei comida, porque a nutricionista tinha que falar comigo primeiro. Tomava em torno de 10 comprimidos 4 vezes ao dia. Quase mataram um interno na minha frente. Só não o fizeram porque impedi. Saí após 11 dias de internação... depois de incomodar muito para conseguir isso.

O Rafa, graças a Deus, nunca deixou de acreditar em mim. Falando com ele, vi que se eu tentei me matar, muitos estudantes também tentavam, e muitas vezes conseguiam. Vendo também o que fizeram com o outro interno no hospital, decidi que se pudesse evitar um suicídio que fosse, daria tudo de mim para isso. Comecei a pesquisar sobre bullying – quando fui alvo, não sabia que tinha esse nome. Só achava informações em sites internacionais e ia traduzindo.

Resolvi criar um blog: *No More Bullying* ([http:// nomorebullying.blog.ig.com.br](http://nomorebullying.blog.ig.com.br)). Foi a forma que encontrei para ajudar e alertar pais e professores. Participei de matérias que divulgaram o endereço. Pude conversar com muitas pessoas, gente de todas as idades. É triste ver tantos casos acontecendo, mas pelo menos tento fazer minha parte, tentando informar e mostrar que existe saída.

Na época em que fui vítima, a cada humilhação pensava: “devo ser estranha mesmo”. Hoje percebo o erro que é pensar assim. É o que tento ensinar para esses alunos: que nunca acreditem no que dizem de ruim, pois o agressor é muito inseguro, quer chamar atenção. Sentem tanto medo quanto nós, só se escondem melhor. Não é sua culpa e por mais duro que seja, avise aos seus pais. Se não conseguir, peça para alguém. Não é vergonha sofrer bullying e pedir ajuda é o diferencial entre acabar com a vida mais cedo ou garantir um longo e belo futuro. Psicólogos ajudam muito e se com o primeiro profissional não der certo, vá tentando até encontrar alguém que realmente anseie por seu progresso!

Na escola, é importante observar, nos intervalos, se tem mais alunos sozinhos, excluídos. Provavelmente são alvos de bullying também. Anote dia, data, hora da agressão, e se nada for feito – mesmo depois da escola ser avisada – faça a lei ser obedecida, encaminhado o caso ao conselho tutelar.

Enquanto isso, você pode ir treinando sua confiança novamente! Pensando diferente, como “olha o que ele tem a fazer para se sentir o poderoso, tem que pisar em mim, só sendo muito inseguro pra fazer isso. Eu sei o que tenho de bom, e não é por insegurança dele que vou

deixar de acreditar nisso”.

Hoje tenho 22 anos e o Rafa virou meu noivo. Terminei o ensino médio, e estou cursando o segundo ano de pedagogia na faculdade! Não tomo mais remédios, nem faço tratamentos. A maior lição que tirei do que aconteceu é que não podemos acreditar em tudo que dizem de nós, e sim acreditar que as coisas podem mudar, e lutar pra isso! Afinal, enquanto estamos vivos, ainda temos chance de mudar a nossa história.

Daniele Vuoto

<http://nomorebullying.blog.ig.com.br>

CALHAU, Lélío Braga. *Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão*. Rio de Janeiro: Impetus, 2011.

3.3 Cyberbullying

A utilização dos meios eletrônicos possibilita a comunicação entre pessoas de qualquer lugar do mundo, e estimula a construção de conhecimento, sem falar que é muito importante para o desenvolvimento, no entanto, muitas pessoas usam-no de maneira inadequada, ofendendo a moral de outras pessoas.

O cyberbullying a prática realizada através da internet que busca humilhar e ridicularizar os alunos, pessoas desconhecidas e também professores perante a sociedade virtual, apareceu recentemente, todavia, o comportamento é semelhante ao bullying, o que difere é o meio por onde é praticado, a tecnologia, que deu nova cara ao problema.

Este fenômeno virou epidemia entre jovens, pois as ofensas são praticadas no EV (espaço virtual), que por sinal é o espaço agradável para a maioria dos jovens. No EV, encontram-se pessoas de qualquer lugar do mundo, facilitando o compartilhamento de informações e estimulando a comunicação. Infelizmente inúmeras pessoas estão sendo vítimas desse tipo de violência. Em artigo da revista Nova Escola Beatriz Santomauro diz que: “O Cyberbullying é um problema crescente justamente porque os jovens usam cada vez mais a tecnologia” (SANTOMAURO, 2010, p.70).

O cyberbullying tem preocupado muita gente, pois através da internet os insultos se multiplicam rapidamente e ainda contribuem para contaminar outras pessoas que conhecem a vítima. Os meios virtuais utilizados para propagar as difamações e as calúnias são: as comunidades, e-mails, torpedos, blogs e fotoblogs, além de discriminar as pessoas, os agressores são incapazes de se identificar, pois não são responsáveis o bastante para assumirem aquilo que fazem. É importante ressaltar que mesmo anônimos, os responsáveis pelas calúnias e difamações sempre são descobertos.

3.4 Brigas

Este ato simboliza o tipo de violência mais frequente nas escolas e manifesta-se inicialmente por meio de insultos e discussões.

As brigas são consideradas acontecimentos corriqueiros, sugerindo a banalização da violência e sua legitimação como mecanismo de resolução de conflitos. Muitas vezes, as brigas ocorrem como continuidade de brincadeiras entre alunos, podendo ter ou não consequências mais graves. Entretanto, verifica-se que há brincadeiras cuja própria natureza envolve a violência que começam na brincadeira e acabam na pancadaria. (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p. 51).

As brigas nas escolas têm se manifestado de diversas maneiras, tais como:

- Acerto de contas;
- Rivalidade entre alunos de séries diferentes;
- Rivalidades entre alunos de turnos diferentes;
- Rivalidade de estudantes de escolas ou bairros distintos.

3.5 Violência Sexual

A violência sexual é um problema que tem levado consequências graves como, a ofensa, a falta de liberdade, a insegurança e a dignidade humana, onde crianças e adolescentes estão envolvidos em situações de constrangimento da exploração do sexo. Infelizmente é um fato que vem crescendo atualmente, principalmente no ambiente escolar.

A escola é um local onde se deve ensinar e aprender coisas que sirvam para o nosso futuro, tudo o que acontece na escola é parte da educação de uma criança, o abuso sexual acaba se tornando parte do aprendizado dos alunos.

O assédio na maioria das vezes acontece do (a) professor (a) contra um (a) aluno (a), geralmente por meio de olhares, gestos, piadas, comentários obscenos, exhibições, propostas, insinuações e contato físico. Um (a) professor (a) pode usar da autoridade para abusar da criança ou do adolescente, por isso, ficar atento e aprender a distinguir um tratamento gentil do mal intencionado são a melhor maneira de se evitar o abuso sexual no ambiente escolar.

- ✓ A propriedade muitas vezes recebe agressões de forma brusca através dos *roubos e furtos*.

3.6 Roubos e Furtos

O roubo nas escolas vem crescendo de forma preocupante, a ponto de se estabelecer a existência de quadrilhas especializadas neste tipo de operação. Dentro do ambiente escolar acontece com frequência principalmente nas salas de aula. A sala de aula é um ambiente em que existem diversas personalidades, por isso, há bastante casos de roubos e furtos. A adolescência é uma fase que passa por muitas transformações, e é nela que acontece a descoberta de ter prazer em “pegar” um objeto de outra pessoa, aí a importância de os educadores saberem analisar caso a caso, buscando as razões que levam cada aluno a se comportar dessa forma. Em geral, essa razão só será encontrada com a ajuda dos pais. Lidar com esse tipo de situação não é fácil, pois pode comprometer os professores e os próprios colegas de sala, afinal, as pessoas presentes precisam provar que são inocentes. Fazer vista grossa, aceitando que a criança ou o adolescente apareça com coisas estranhas em casa pode fazer com que estes sintam-se encorajados a repetir o ato, uma vez que ninguém percebeu.

Os furtos também ocorrem por pessoas que não estão na escola, ou seja, pessoas que moram ou não nas imediações da escola costumam entrar na propriedade à noite, nos fins de semana ou nas férias para furtar objetos de valor que existem no ambiente. Este é um problema que vem agravando e que na maioria das vezes não têm punição. O sistema de segurança é precário os estabelecimentos de ensino muitas vezes estão localizados em áreas isoladas, isto facilita o arrombamento e a ação tranquila dos ladrões.

Os maiores prejudicados acabam sendo os alunos, que ficam meses seguidos sem as aulas em que aqueles recursos pedagógicos são utilizados. É preciso que se garanta a segurança, através de ações policiais ou da implantação de serviço de vigilância, as comunidades que residem em torno das escolas podem também se organizarem de forma a garantir melhores níveis de segurança, pela contratação de vigias, pela instalação de sistema de alarme ou ainda pelo recolhimento desses aparelhos mais caros a lugares de maior segurança, dentro das próprias escolas.

3.7 Vandalismo

O *vandalismo* é o caso mais frequente de violação contra o patrimônio escolar. Esse problema muitas vezes é praticado em forma de protesto contra as regras da escola ou até mesmo por desavenças entre aluno, professor e direção da escola. Cada vez mais os professores e diretores da escola vem encontrando dificuldades de lidar com esse ato de brutalidade. Viviane Marcelos define que “violência contra o patrimônio é a violência praticada contra a parte física da escola”.

Geralmente o vandalismo é um caminho trilhado por jovens que não encontram outra forma de demonstrar sua energia e sua agressividade. Seus praticantes vêm aprimorando seus métodos, unindo-se em gangues cada vez mais poderosas, pichando, danificando o patrimônio escolar e recorrendo cada vez mais a atos de extrema selvageria.

Na escola os alunos praticam este ato de diversas maneiras tais como:

- Explosão de bombas no pátio ou no banheiro;
- Quebra de cadeiras e quadro de giz;
- Depredação de muros da escola;
- Banheiros riscados e quebrados;
- Janelas com vidros quebrados;
- Destruição de equipamentos;
- Pichações.

As pichações são os casos mais frequentes de vandalismo nas escolas, funcionam como uma espécie de correio, apresentando muitas vezes mensagens agradáveis ao nosso ego, entretanto, há as mensagens de difamação ou um convite às drogas.

Sabem os alunos que as pichações são transgressões, que não são aceitas dentro do convívio social. O que os educadores parecem não perceber é que elas têm servido como aliviador de tensões, de conquistas de espaço, de marcar território, como um Deus, com um código, um segredo lido e compreendido por poucos. É o estabelecimento do indecifrável através dos estilos de linguagem, dos signos, dos símbolos, dos emblemas e das alegorias. (THOMAZ)

3 PROPOSTAS PARA COMBATER A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

As situações de violência comprometem o que deveria ser a identidade escolar – lugar de sociabilidade positiva, de aprendizagem de valores éticos e de formação de espíritos críticos, pautados no diálogo, no reconhecimento da diversidade e na herança civilatória do conhecimento acumulado. Essas situações repercutem sobre a aprendizagem e a qualidade de ensino tanto para alunos quanto para professores. (ABRAMOVAY, 2002, p. 65).

A escola atual não pode ser em espaço meramente de encontros de crianças e adolescentes com profissionais da educação, na busca somente de conhecimentos científicos. Deve se configurar em espaço interativo, em que os profissionais da educação, juntamente com a sociedade, trabalhem o conhecimento e a reflexão, estando preparados para atuar com processos de convivência humana, reforçando valores éticos e de solidariedade na construção da cidadania. Fazem-se necessárias ações que permitam combater a violência no ambiente escolar.

Compreender a dinâmica desse fenômeno é importante para controlá-lo, por isso vários métodos podem ser utilizados para combater a violência na escola, são eles:

- A violência deve fazer parte do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola dentro da perspectiva da humanização, do respeito, das diferenças étnicas, sexuais e religiosas;
- Criatividade;
- Debates sobre o problema na escola;
- Melhor vigilância na hora do recreio;
- Reunião de pais e funcionários da escola;
- Reunião de professores e pais/alunos da classe;
- Aprendizagem cooperativa;
- Atividade de classe comum positiva;
- Ajuda de alunos “neutros”;
- Ajuda e apoio para os pais;
- Grupo de debate para pais de agressores e vítimas.
- Emissão de boletins;
- Testemunhos de vítimas de violência e de agressores;
- Aumentar a vigilância policial nas escolas.

A escola é vista, aparentemente, como elemento de mediação entre o aluno e a família, cabendo-lhe trabalhar os significados da violência dentro e fora de seus limites a fim de combatê-la, abordando aspectos importantes na vida do estudante que extrapolam os muros da escola e o período letivo. (ABRAMOVAY, 2002, p. 69).

Precisamos trabalhar em conjunto, concebendo a educação em um todo social, com ações coletivas de combate aos problemas de violência no cotidiano das realidades sociais e principalmente no ambiente escolar. E também com a construção de conhecimento e de cidadania plena na busca de uma sociedade com princípios democráticos de ética e paz.

Uma educação para a paz supõe uma educação para o reconhecimento da pluralidade e da diferença, exige uma educação intercultural, que promova o diálogo entre diferentes grupos e culturas. A paz é uma aspiração humana profunda. Todos queremos a paz. Aspiramos a um amadurecimento humano pleno que não esteja bloqueado pelo medo, a insegurança, a falta de confiança nos demais, por sentir-se excluído, pela falta de auto-estima e pelas diferentes formas de violência.(CANDAUI, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, posso salientar que a violência é considerada um fenômeno que está cada vez mais presente em nosso convívio. Não existe um fator que explique esse acontecimento, pois vai desde questões subjetivas, até questões que são fatores condicionantes, como o despreparo de docentes para lidar com tal situação e a falta de visão da gestão democrática.

Consciente de que este trabalho não é suficiente na abordagem desta temática, pois muito mais haveria a dizer, dado que o fenômeno da violência é muito amplo e surge em variadíssimos contextos, resta então afirmar que toda a sociedade deveria se mobilizar para proteger os cidadãos e as cidadãs de amanhã, para que não tenham um futuro sombrio, enredados em sofrimento, privações e sem projetos de vida.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Violências no cotidiano nas escolas**, 2002 Disponível em: [www.miriamabramovay.com/...](http://www.miriamabramovay.com/) Acesso em: 29 de maio de 2012

ABRAMOVAY, Miriam ; RUA, Maria das Graças. (org.). **Violência nas Escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ANDRADE, Fernando César Bezerra de. **Violência nas Escolas: a Paraíba em Foco**. Paraná: UEPG, 2002.

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão**. Rio de Janeiro: Impetus, 2011.

CANDAUI, Vera. **Por uma cultura de paz**. Revista Novamerica, Rio de Janeiro, nº 86, 2000.
GOMES, José Roberto. **Bullying: um desafio para a educação**. Jornal Mundo Jovem, junho de 2012. p.4.

MARCELOS, Viviane Avelino. **A violência escolar**, s.d. Disponível em: <http://meuartigo.brasescola.com/sociologia/violencia-escolar.htm> Acesso em: 20 de junho de 2012

SANTOMAURO, Beatriz. Violência Virtual. **Revista Nova Escola**, junho/julho de 2010. p - p.66 – 73.

SPOSITO, Marília Pontes. A Instituição escolar e a violência. **Cadernos de Pesquisa**, n.104, p. 58, jul. 1998. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/iea/textos/spositoescolaeviolenca.pdf> Acesso em: 20 de junho de 2012

THOMAZ, Sueli Barbosa. **A violência na Escola: ética, poder e cidadania**. Disponível em: <http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero01-2000/suely.htm> Acesso em: 20 de junho de 2012